

O PLANO DE AULA DE INGLÊS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA NECESSIDADE ADEQUAÇÃO AO CONTEXTO DAS ESCOLAS NO CAMPO

Célia Ferreira Bispo¹

Resumo: Este trabalho objetiva sintetizar as análises de planos de aula de língua inglesa em escolas públicas de três diferentes zonas rurais da Bahia. O objetivo da análise foi investigar se os conteúdos e objetivos apresentados em tais planos foram adequados a uma proposta de ensino que considere o contexto regional de tais escolas. Para isso foram analisados planos de três escolas, dez de cada uma, totalizando trinta amostras.

Palavras-chave: plano de aula, inglês, campo.

1. INTRODUÇÃO

Um projeto de educação que considere as especificidades regionais do espaço onde a escola está situada é uma conquista recente das demandas de movimentos sociais do campo, que atende ao princípio de “direito social” da Constituição de 1998 (art, 6º), e está também articulado com o entendimento da LDB de 1996, a qual propõe no artigo 28 que “na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural de cada região”.

Tais adequações depois de serem pensadas numa escala abrangente, de nível nacional, precisam ser refletidas nas ações menores de cada comunidade escolar. Atenta a isso, a escola deve orientar seu corpo docente para a adoção de práticas pedagógicas no sentido de atingir os objetivos propostos, através do planejamento articulado com essa agenda maior. Assim orienta Libâneo: “O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social” (1994, p. 222).

¹ Graduada em letras (UEFS), Mestranda do Programa Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia; bolsista CAPES.

O plano de aula é um instrumento importantíssimo de trabalho do professor no sentido que direciona as rotinas da sala de aula, as atividades que serão elaboradas e como os objetivos serão alcançados. Planejar, portanto, é uma prática essencial ao exercício docente. No entanto, não é uma atividade tão fácil de ser realizada, visto que:

“o problema maior tem sido sempre a busca pela coerência e equilíbrio das nossas ações, no sentido de estabelecer uma ponte, um vínculo entre o que desejamos idealmente e teoricamente e aquilo que praticamos, ou pensamos praticar, quando ensinamos e aprendemos” (MENDES, 2008, p. 58)

A partir do reconhecimento dessas dificuldades, o foco desse trabalho foi colocado sobre o ensino de língua inglesa no campo, com o objetivo de investigar se tem havido essa articulação entre o plano de aula de LI e a demanda por uma educação pensada para incluir a diversidade regional. Desse modo, podemos contribuir para uma ao trazer para o centro discussões sobre o ensino nesses espaços frequentemente negligenciados pelas políticas educacionais.

2. O PLANEJAMENTO COMO BÚSSOLA DO TRABALHO DOCENTE

Por mais simples que seja, qualquer atividade que nos propomos a realizar no dia-a-dia envolve um certo nível de planejamento. Ele tem, segundo as palavras de Vasconcellos (2000, p. 79) “por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo”.

No âmbito educacional, certamente, esse planejar das ações requer um empreendimento de tempo, esforço e dedicação de modo que consiga integrar as demandas do currículo escolar, as necessidades dos alunos, e os aspectos do entorno social onde a escola está situada. Afinal, como afirma Libâneo,

A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classes. Isso significa que os elementos do planejamento escolar – objetivos, conteúdos, métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções; se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos

estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade (LIBÂNEO, 1994, p. 222).

Isso significa que o planejamento deve refletir a realidade na qual os alunos, principais beneficiados e/ou prejudicados estão imersos. Cada plano de aula deve ser orientado no sentido de propiciar uma aprendizagem mais significativa. A escola cumpre um papel importante nesse processo, e deve estar atenta às decisões que constituem suas escolhas metodológicas. Nem sempre é fácil, algumas vezes pode dar errado, mas as experiências todas vão ajudando a delinear um projeto mais forte a cada tentativa.

3. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO CAMPO

No Brasil, historicamente, sempre houve um descaso com a educação para a população rural. Segundo Sátyro e Soares (apud TRINDADE; WERLE 2012, p. 34), “[...] condições materiais são muito inferiores à educação nas cidades, estejam ou não situadas em zonas metropolitanas. Sendo todos os resultados na zona rural muito inferiores”. Ou seja, a escola nessas áreas é relegada receber migalhas de atenção, o que conseqüentemente resulta em aprendizagem menos eficaz.

Hoje em dia não se pode dizer que as políticas não existam de todo, mas é fato inegável que apenas recentemente começaram a ser gestadas, segundo Farias e Antunes (2012, p. 116): “Somente a partir de 2002, O Conselho Nacional de Educação (CNE) dispôs acerca das Diretrizes Nacionais para a Educação Básica no Campo”

O resultado desse retardamento em atender essas populações se traduz em indicadores sempre mais baixos no campo:

A população de 15 anos ou mais tem, em média, 3,1 anos de estudo, o que equivale a menos da metade da escolaridade média da população urbana, de 6,3 anos. Na região Sul do Brasil, os anos de estudos em relação à média nacional baixa para 5 anos no meio rural e sobe para 7,7 anos no meio urbano (IBGE 2006 apud FARIAS e ANTUNES 2012 p. 120)

4. ENSINANDO INGLÊS NO CAMPO: MAIS UM DESAFIO

O aprendizado de uma nova língua constitui, por vezes, um enorme desafio, porque pode causar desconforto e estranhamento visto que, são também apresentadas novas formas de tratamento de temas universais que talvez estejam já estabilizados na mente do aprendiz. Para Revuz (1998, p. 223) “o que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas”. Ou seja, as concepções culturais aprendidas juntamente com a língua são muitas vezes divergentes daquelas a que já nos acostumamos.

Essa necessidade de resignificação é um lugar que muitas vezes não se quer ocupar. Isso porque, segundo Delors, o ser humano tem a “tendência natural de supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertence” (1996, pág. 97).

As considerações feitas acima servem para embasar a afirmação de que as dificuldades enfrentadas na aprendizagem de língua inglesa em escolas situadas em áreas rurais podem ser ainda maiores do que em outros espaços, uma vez que essa escola já carrega um histórico de tantos outros problemas advindos da sua localização no espaço geográfico.

Diante disso, é importante discutir como as escolas do campo têm tratado a aula de inglês, e como esse tratamento se revela no plano de aula. Será que a disciplina é ensinada numa lógica “transplantada do campo para a cidade” (Souza 2022, p. 18)? A reflexão evocada pelo questionamento é extremamente relevante porque a língua inglesa se apresenta, no mundo atual globalizado, como um meio de “empoderamento para a pessoa colocar-se no mundo” (SCHEYERL e SIQUEIRA 2006, p. 92). Portanto, trazer essas inquietações para o centro do debate serve a um projeto social, que o de formar cidadãos conscientes, habilitados a fazerem escolhas que vão determinar o rumo que desejam para suas vidas, e não apenas expectadores à espera do que sobra.

5. METODOLOGIA

A coleta de dados foi realizada em três escolas da rede municipal, cada uma em um município diferente, sendo eles: Amélia Rodrigues, Rafael Jambeiro e Irecê. Todas escolas situadas em distritos ou vilas, atendendo à uma clientela majoritariamente

formada por filhos de pequenos agricultores familiares, e trabalhadores de alguma forma envolvidos com atividades desse setor e também da pecuária.

Uma amostra de dez planos de aula foi requisitada à direção da escola, de modo que não houvesse nenhum contato do pesquisador com os professores da disciplina. Esse procedimento se justifica pelo fato de o foco da pesquisa estar sobre como as escolas têm se articulado para orientar a elaboração do planejamento, já que os professores que prestam serviço nem sempre são da localidade. Isso nos leva a concluir que é a escola enquanto instância administrativa que deve estabelecer, juntamente com sua equipe pedagógica, algum encaminhamento quanto à adequação do planejamento para o trabalho do corpo docente.

A análise se concentrou nos seguintes aspectos como critérios para o enquadramento da atividade como atendendo à adequação ao contexto rural:

- 1- O tipo de atividade prevista é focada no livro didático?
- 2- Há orientação para que, nas atividades orais, os alunos usem a língua para falar de situações reais de suas vidas?
- 3- Nos conteúdos, é possível perceber alguma relação com o tipo de rotina do lugar?
- 4- Os objetivos contemplam alguma especificidade do campo, como: conhecer nomes de animais comumente criados e utilizados nas atividades agrícolas, frutas que são produzidas na região, etc.

A análise obviamente é limitada, e não se candidata à receita de diagnóstico infalível. Mas como precisamos de algum ponto de partida, o vislumbre desses aspectos foi o que mais se aproximou de uma visão objetiva do plano de aula. A seguir, uma tabela com uma amostra dos planos composta de conteúdos, metodologia, e, no caso de não atendendo aos critérios, a sugestão que apresento de uma possível adequação.

Tabela 1

Objetivo	Conteúdo	Metodologia	Sugestão
Descrever ações que estejam acontecendo no momento da fala	Present Continuous – affirmative and negative sentences	Aula expositiva, uso do livro	Usar imagens fora do livro, normalmente não apresentam relação com o campo
Identificar e produzir orações no present	Present continuous	Ouvir diálogos; leitura e interpretação dos	A partir do livro, avançar para prática de

continuous		diálogos do livro	sentenças sobre a realidade.
Descrever ações habituais de um fim de semana	The weekend at home	Leitura e interpretação de imagens para alunos descreverem	Ao invés de usar a imagens do livro, pedir para eles produzirem imagen que os representem
Discutir acerca dos grupos alimentares	Food/eating habits	Produção de cartazes com os grupos alimentares	Direcionar a produção para coisas que se planta na região

Fonte: elaboração própria

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em todos os planos, o tipo de atividade desenvolvida sempre segue essa linha. Há bastante uso do livro didático, prática de *listening* (compreensão auditiva) e filmes, mas não foi possível observar nenhuma proposta que evidenciasse uma atividade mais contextualizada com a realidade dos alunos. Mesmo quando os conteúdos apresentados eram muito próximos do cotidiano deles, o direcionamento pareceu sempre geral, sem nenhuma adequação à vida rural.

Essas conclusões, infelizmente, refletem posturas pouco comprometidas da escola do campo com o desafio de articular, através do planejamento, o saber que currículo deve oferecer com o conhecimento prévio que os alunos levam para a escola, que é um saber carregado de experiências com o mundo rural.

Nesse sentido, falha no compromisso de fazer as adequações necessárias a um ensino integrador. A esse respeito, Menegola e Sant'Anna (2001, p. 25): afirmam que “devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem não impondolhe diretrizes que o alheiem. Permitindo, com isso, que a educação, ajude o homem a ser criador de sua história.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dito tudo isso, vale ainda ressaltar as palavras de Rajagopalan (2006, p. 159) quando argumenta “uma teoria concebida à revelia das preocupações práticas, elaborada apenas para satisfazer a criatividade de um gênio solitário não tem valia alguma no campo da

prática”. Ou seja, o que planejamos só faz sentido se estiver voltado ao propósito maior de impactar de maneira positiva a vida daqueles a quem se destina. Planejar de modo consciente não significa que falhas e equívocos não acontecerão. Significa apenas que temos mais chances de acertar. E a escola tem um papel fundamental nesse processo.

Referências:

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO/ MEC. São Paulo: Cortez. p. 89-102, 1996.

FARIAS, Graziela Franceschet; ANTUNES, Helenise Sangoi. Educação rural e formação de professores no interior do Rio Grande do Sul: ruralidades e história de vida. In: SOUZA, Eliseu Clementino de (org.) *Educação e Ruralidades*. Salvador: Edufba, 2012

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 2004. Cap. 10. p. 221-247.

MENDES, Edileise. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural. In: MENDES, Edleise; CASTRO, Maria Lúcia Souza (Org.). Saberes em português: ensino e formação docente. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

MENEGOLLA, Maximiliano. SANT'ANNA, Ilza Martins. Por que planejar? Como planejar? 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

RAJAGOPALAN, Kanavillil. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.149-168.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 213-230.

SCHEYERL, Denise; SQUEIRA, Sávio. Inglês for all: entre a prática excludente e a democratização viável. In: Mota, K. e Scheyerl, D. (orgs.) Espaços Lingüísticos: resistências e expansões. Salvador: EDUFBA, p. 285-310. 2006

SOUZA, Eliseu Clementino de (org.) *Educação e Ruralidades*. Salvador: Edufba, 2012.

TRINDADE, Lenir Marina; Werle, Flávia Obino Corrêa de. Educação rural: narrativas e práticas de formação. In: In: SOUZA, Eliseu Clementino de (org.) *Educação e Ruralidades*. Salvador: Edufba, 2012



VASCONCELLOS, Celso dos S: Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico Laderos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.